



A RELAÇÃO DE INTERDEPENDÊNCIA ENTRE O CHORO DOS BEBÊS E A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

THE INTERDEPENDENT RELATIONSHIP BETWEEN BABIES' CRYING AND TEACHING IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Fernanda Pedrosa Coutinho Marques¹
Iza Rodrigues da Luz²

Resumo: Neste artigo buscou-se analisar como o choro dos bebês interfere nas ações docentes na Educação Infantil. As análises foram construídas a partir dos resultados de uma pesquisa de doutorado de abordagem qualitativa, realizada em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte, Minas Gerais. A pertinência da pesquisa se justifica pela ausência de pesquisas sobre a temática, pelo contexto social que pouco reconhece o lugar social e a potência dos bebês e pelas especificidades que compõem a docência exercida com eles. Nossas análises foram sustentadas pelos estudos da Educação Infantil e da Pedagogia da Infância em diálogo com os aportes teóricos da Psicologia Histórico-Cultural e Sociologia da infância. Tivemos como foco de análise, as filmagens dos momentos da rotina em que ocorreram as atividades dirigidas realizadas em uma turma de bebês no ano de 2017. Constatamos que há uma interdependência entre o choro dos bebês e a docência, perpassada por uma relação de autonomia e dependência. O choro como uma ação, concomitantemente exprime uma necessidade e fragilidade dos bebês e uma convocação do outro, mobilizando suas professoras e incitando nelas ações e práticas inesperadas durante a rotina. Com os achados, almejamos contribuir com as reflexões sobre as especificidades que constituem a docência com bebês.

Palavras-chave: Bebês. Choro. Docência com bebês. Educação Infantil. Interações.

Abstract: This article aims to analyze how babies' crying interferes in their interactions with teachers in Early Childhood Education. The analyses consist of partial results of qualitative doctoral research, which sought to understand how babies' crying interferes in the educational-pedagogical relationships developed in a Municipal Early Childhood Education School in Belo Horizonte, Minas Gerais. The relevance of the research is justified by the lack of research on the subject, by the social context that little recognizes the social place and power of babies, especially in Early Childhood Education, and also by the specificities that make up the teaching practiced with them. Based on a theoretical dialogue between studies of Sociology and

¹ Fernanda Pedrosa Coutinho Marques (👤). Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
e-mail: fernanda.coutinho12@gmail.com.

² Iza Rodrigues da Luz (👤). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
e-mail: izarodriguesluz@gmail.com

Pedagogy of Childhood, Anthropology of Childhood, Early Childhood Education and Historical-Cultural Psychology, we focused our analysis on the filming of moments of directed activities carried out in a class of babies in 2017. We found that there is an interdependence between babies' crying and teaching permeated by a relationship of power and dependence. Crying expresses the need and fragility of babies who depend on another adult – in this case, teachers – to become people, but who, on the other hand, exert power over others, in this case, their teachers, inciting unexpected actions and practices in them, as well as reflections that feed back into their own teaching.

Keywords: Babies. Crying. Early Childhood Education. Teaching with babies. Interactions.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar como o choro dos bebês interfere nas ações docentes na Educação Infantil e é fruto de uma pesquisa de doutorado de abordagem qualitativa, que buscou compreender como o choro dos bebês interfere nas relações educativo-pedagógicas¹ desenvolvidas em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte, Minas Gerais.

No sentido de assegurar uma Educação Infantil de qualidade para os bebês e crianças, é fundamental olhar para as relações sociais que se estabelecem nesse contexto, pois essas relações são o cerne de todas as propostas que giram em torno do que se entende por um atendimento de qualidade na EI, como um direito de todos os bebês e crianças (Brasil, 1990, 1996, 2010, 2017).

As instituições de Educação Infantil como espaços de socialização e de aprendizagens, são lugares onde “há prazer, desprazer, risos e choro, segurança e insegurança, pertencimento e não pertencimento, conforto e desconforto, tranquilidade e eloquência, singularidade e coletividade [...]”. Um lugar de acontecimentos (Santos, 2012, p. 186). Nesse emaranhado de acontecimentos, a docência com bebês pode ocorrer como um processo marcado pelo trabalho de narração efetuado pelos bebês, que convidam e instigam as professoras² a pensarem sobre suas formas de agir e a compreenderem os seus modos de ser. Sendo assim, pressupõe-se que cabe aos adultos a responsabilidade e o compromisso ético de observar, escutar e acolher as demandas dos bebês, atendendo suas necessidades de modo a oportunizar experiências corporais e emocionais mais qualificadas nesse contexto da Educação Infantil.

É a partir dessas perspectivas, imbuídas de um diálogo entre os estudos da Educação Infantil (Barbosa, 2010; Campos, 1994; Cerisara, 1999; Luz, 2010; Rossetti-Ferreira et al., 2017) e da Pedagogia da Infância (Rocha, 1999), bem como da Psicologia Histórico-Cultural (Wallon, 2007; Vygotsky, 2007) e da Sociologia da Infância (Coutinho, 2010; Gouvêa; Sarmento, 2008; Sarmento, 2005; Sirola, 2001), que buscamos compreender como o choro dos bebês interfere nas ações docentes, partindo do pressuposto de que o choro é uma forma de comunicação dos bebês e, portanto, um elemento essencial que compõe as relações na Educação Infantil.

A literatura da área nos apresenta um panorama geral sobre o atendimento dos bebês no contexto da Educação Infantil e evidencia aspectos significativos no que concerne aos desafios, aos avanços, às possibilidades e aos retrocessos, como, por exemplo, um cenário social que pouco reconhece o lugar social e a potência dos bebês (Barbosa, 2010; Rocha, 1999; Rossetti-Ferreira; Amorim, Oliveira, 2009). Outro aspecto que merece destaque é a ausência de pesquisas sobre essa temática, embora já seja possível encontrar um número significativo de estudos que versam sobre a temática dos bebês na Educação Infantil, bem como sobre as próprias especificidades que envolvem a docência exercida com eles (Alessi; Garanhan, 2019; Amorim; Anjos, Rossetti-Ferreira, 2012; Cabral, 2019; Guimarães, 2011; Guimarães; Arenari, 2018; Marques, 2023, 2019; Marques; Luz, 2022; Rodrigues, 2019; Santos, 2012; Silva, 2018; Silva, 2019; Schmitt, 2014; Tristão, 2004). Nessa direção, Schmitt (2014, p. 162) constatou

¹ A expressão foi utilizada tendo como referência o significado atribuído por Maria Lúcia Machado (1993). Para a autora o significado do termo “pedagógico” não está na atividade em si, mas envolve muitos outros elementos inclusive, as ações das professoras, uma vez que “não é a atividade em si que ensina, mas a possibilidade de interagir, de trocar experiências e partilhar significados é que possibilita às crianças o acesso a novos conhecimentos” (Ostetto, 2012, p. 191-192).

² Neste texto, utiliza-se o termo no feminino, considerando que são as mulheres, em sua maioria, que ocupam essa função na Educação Infantil.



que, mesmo com o aumento dos estudos que evidenciam a potência dos bebês e que se ocupam das relações entre eles, “a intersecção dessas ações com a ação das professoras é pouco recorrente nas pesquisas”. Ressalta-se ainda a necessidade de estudos que explorem a compreensão de como os bebês agem e são capazes de afetar e modificar os contextos em que estão inseridos, como as instituições de Educação Infantil e as práticas pedagógicas ali realizadas.

Neste artigo, buscaremos apontar alguns desafios e possibilidades para a efetivação de um trabalho de cuidado e educação com bebês na Educação Infantil que considere o choro dos bebês como um elemento importante e legítimo nas práticas pedagógicas. Exploramos também essa forma de comunicação como um desencadeador de possibilidades e de construção de significados entre bebês e professoras, uma vez que suscita nesses sujeitos ações simultâneas, estabelecendo uma relação de interdependência, e ainda possibilita reflexões sobre essa docência.

O texto está estruturado da seguinte forma: esta introdução; os caminhos teórico-metodológicos; a apresentação das análises articuladas aos aportes teóricos que as sustentam; as considerações finais; e, por fim, as referências.

CONSTRUÇÃO E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DO *CORPUS* DA PESQUISA

Os dados analisados fazem parte de um banco de dados construído a partir de uma pesquisa de caráter qualitativo (Minayo, 2012) anteriormente realizada, por meio de uma observação participante em uma turma composta por doze bebês, quatro professoras e uma auxiliar³ em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Os bebês eram atendidos em período integral e tinham, à época da pesquisa, a idade entre 11 meses e 1 ano e 4 meses de vida. Para o exercício da docência na Educação Infantil em Belo Horizonte, a exigência de formação mínima é o nível superior com aprovação em concurso público, com jornada diária de 4 horas e meia, totalizando 22 horas e 30 minutos semanais (Belo Horizonte, 2018). Das quatro professoras, somente uma delas trabalhava com a turma em período parcial, e todas elas já tinham experiências anteriores na docência com bebês.

Além da observação participante realizada durante quatro meses, foram utilizados como instrumentos de coleta dos dados o diário de campo, contendo 160 páginas; as filmagens, totalizando 43 horas de video-gravações; e as entrevistas semiestruturadas realizadas com as participantes adultas, somando 6 horas de gravação.

O processo de construção e análise dos dados envolveu não só o compromisso ético,⁴ mas a responsabilidade, a ausculta, o respeito, a sensibilidade e a humildade de aprender com

³ Essas profissionais, à época da pesquisa, ocupavam o cargo de “Auxiliar de apoio à Educação Infantil”, instituído em 2015 pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED), e tinham como função a atuação nas turmas das crianças com até 2 anos de idade nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIIs) (Belo Horizonte, 2015). Em 2019, a SMED e a Minas Gerais Administração e Serviços (MGS), responsáveis pela contratação dessas profissionais, por meio de uma regulamentação (REG/GEP/006), alteraram essa nomenclatura para “Auxiliar de apoio ao educando” (MGS, 2020). Neste texto, será mantida a denominação genérica de “auxiliar” para se referir à “auxiliar de apoio à Educação Infantil”, visto ser esta a denominação usada na época da coleta de dados e das observações em campo.

⁴ Os dados analisados são oriundos de uma pesquisa de mestrado anteriormente realizada em um berçário de uma Escola Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte, no ano de 2017 (Marques, 2019). Para a realização da pesquisa, foram seguidas todas as exigências previstas pelo Programa de Pós-Graduação e do Comitê de Ética da universidade das autoras. Observaram-se os procedimentos e os cuidados éticos relativos à autorização para o início da pesquisa e a entrada em campo e à participação dos sujeitos, como o contato com a Gerência de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação da prefeitura de Belo Horizonte e com a equipe de gestão da



os bebês, as professoras e a auxiliar. Dessa forma, estivemos atentas ao fato de que “a tarefa da ‘tradução’ das ações das crianças bem pequenas coloca, para quem se propõe desenvolvê-la, a condição de aprendiz dessa polifonia própria da comunicação entre as crianças” (Coutinho, 2010, p. 184).

A partir da perspectiva teórica-metodológica Rede de Significações – *Red-Sig*, elaborada por Rossetti-Ferreira, Amorim e Oliveira (2009), tivemos como foco de análise uma revisão das filmagens que apresentavam as atividades dirigidas pelas professoras. Ao rever todo esse material, fizemos a seleção dos episódios por meio de novas lentes, tentando perceber a essência desses momentos enquanto um momento de assentimento e de permissão e de agência dos bebês (Gonçalves; Buss-Simão; Debus, 2021).

Ao estudar novamente o conjunto das filmagens, evidenciamos que havia uma maior interferência do choro dos bebês nesses momentos. Tendo como foco esses episódios específicos em que ocorreram essas atividades, selecionamos 30 que consideramos elucidar melhor o processo de interferência do choro nas relações pedagógicas com os bebês na creche. Buscamos, assim, pela unidade de análise, conforme indicado na *Red-Sig* (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2017). Nesse movimento, buscamos explicitar os aspectos relevantes que compunham esses momentos específicos, procurando também elucidar o que ocorria durante os momentos mais livres de brincadeiras e as interações dos bebês entre si, com as professoras e com os objetos.

Nas análises, adotamos as definições de Schmitt (2014) sobre as atividades dirigidas no contexto da Educação Infantil como aquelas em que prevalecem

as ações de contar histórias, cantar com o grupo, a manipulação de materiais, as produções em papel, entre outras; e são, recorrentemente, as mais valorizadas na descrição da ação docente. De maneira geral, são as que são realizadas com todo o grupo, ou com parte do grupo, e imprimem a ideia de que nessas, em especial, as crianças aprendem algo. São as ações em que as profissionais mais se sentem como atuantes de sua docência, ou seja, sentem-se como professoras (Schmitt, 2014, p. 184).

É importante ressaltar também que, quando elegemos esse foco de análise, não pretendíamos de maneira alguma reforçar a dicotomia ainda existente entre as atividades de cuidar e de educar na creche (Campos, 1994; Cerisara, 1999). Pelo contrário, nossa intenção é contribuir para que essa dicotomia e a supervalorização pelas professoras no que/ concerne a essas atividades dirigidas, nomeadas como “pedagógicas” na própria organização da rotina da instituição, possam ser ressignificadas, considerando os sentidos que elas têm para os bebês. Concordamos com Ostetto (2012) quando afirma que:

O pedagógico também envolve o que se passa nas trocas afetivas, em todos os momentos do cotidiano com as crianças; perpassa todas as ações: limpar, lavar, trocar, alimentar, dormir. De que forma são realizadas essas ações? Isso conta muito da definição do que é pedagógico! Enfim, o pedagógico envolve cuidado e educação, os tais objetivos colocados hoje, claramente, para as instituições de Educação Infantil (Ostetto, 2012, p. 192).

instituição para apresentação do projeto e obtenção de autorização para a realização da pesquisa na Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI). Estivemos atentas a esses cuidados éticos no que concerne aos encontros com as participantes e com os familiares dos bebês para apresentação da pesquisa e dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).



Dessa forma, compreendemos que o fazer pedagógico não se restringe àquelas atividades dirigidas ou coordenadas pelas professoras simultaneamente para todos os bebês e/ou as crianças, envolvendo materiais específicos, mas ao conjunto de todos os momentos do cotidiano com os bebês e crianças na Educação Infantil.

Todos esses episódios foram transcritos e organizados em quadros, de modo que fosse possível visualizar como aconteceram os momentos de interações e quais aspectos influenciaram na forma como o choro dos bebês se relacionava com as ações de suas professoras, elucidando todo o processo e a sequência de fatos ocorridos. Também foi possível observar as incidências dos episódios no que concerne aos vários aspectos – sujeitos, tempos e espaços. Com essa nova forma de organização e categorização dos dados fílmicos, foi possível identificar parte da rede de significados que envolve o processo em si.

O CHORO DOS BEBÊS E A DOCÊNCIA: UMA RELAÇÃO DE INTERDEPENDÊNCIA

Para subsidiar nossas análises, além dos aportes teóricos da Educação Infantil e da Pedagogia da Infância, buscamos fazer um diálogo com os campos teóricos da Psicologia Histórico Cultural, da Sociologia e Sociologia da Infância. Ao buscarmos pela complexidade da relação do choro dos bebês com as ações docentes, nas análises, consideramos os bebês como atores sociais e potentes, sobretudo no contexto da Educação Infantil (Coutinho, 2010; Gouvêa; Sarmento, 2008).

Estamos de acordo com os estudos da infância quando afirmam que não é possível observar as crianças nas suas interações sem considerar a diversidade de suas infâncias, bem como as especificidades de seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Isso implica interpretá-las como um sujeito situado em um contexto social e cultural (Rocha, 1999). Sendo assim, trata-se de romper com a mera interpretação das crianças, desde bebês, como sujeitos isolados da sociedade e considerá-las sujeitos sociais que participam e transformam, de algum modo, a sociedade em que estão inseridas, ao mesmo tempo que são modificados por ela (Gouvêa; Sarmento, 2008; Molloy-Bouvier, 2005).

Considerando que as instituições de Educação Infantil são espaços de socialização de bebês e crianças, acreditamos que esses pressupostos teóricos nos ajudam a compreender a importância de as relações estabelecidas entre os bebês e suas professoras nesse contexto serem horizontais, recíprocas e de alteridade. Sirota (2001) pondera que a Sociologia da Infância rompeu com a ideia de uma socialização vertical em detrimento de uma socialização horizontal e desescolarizada, no sentido de se aproximar das culturas infantis e pensar as crianças como atores participantes de seus processos sociais, como um ser no presente, e não um vir a ser no futuro. Nesse sentido, pensar o espaço das instituições de Educação Infantil como um espaço de socialização de bebês e crianças implica saber que as relações estabelecidas nesse contexto precisam ser horizontais, recíprocas e de alteridade.

Para compreender tais relações, sobretudo a relação de interdependência entre o choro dos bebês e as ações docentes, partimos do pressuposto de que é a partir dessas relações que se constitui a docência com bebês.

Sendo assim, estamos de acordo com Schmitt (2014) ao afirmar que a docência com bebês consiste em todas as relações estabelecidas no contexto da Educação Infantil, envolvendo todas as ações educativo-pedagógicas, inclusive “as ações em volta da organização do tempo e espaço que fomentam as possibilidades de interação da criança consigo mesma, com os outros e com o ambiente” (Schmitt, 2014, p. 48).

Essa concepção de docência ainda se distancia da existente entre a maioria das professoras que exercem a docência. Consideramos que isso está intrinsecamente relacionado às concepções sobre os bebês e suas especificidades, ao passo que, se os considerarmos como



seres passivos, nossa relação com eles estará sempre “cheia de urgências, instruções, programas, ensinamentos, adestramentos, amestramentos, antecipações e controles” (Hoyuelos; Riera, 2019, p. 177).

De acordo com Wallon (2007), para a criança só é possível viver sua infância, e cabe a nós, adultos, compreendê-la em sua inteireza e em suas singularidades, ajustar-se no seu processo, fazendo parte dele, num movimento constante de diálogo, observação e responsividade, sobretudo no que concerne aos aspectos emocionais por meio dos quais interagem com o outro.

Ao ter como foco a relação entre o choro e as ações docentes, estamos compreendendo o choro como uma forma de comunicação, portanto, como uma linguagem, uma expressão não somente biológica, mas uma expressão emocional, marcada por fatores sociais e culturais, mas também pela própria ação do outro (Wallon, 2007; Vygotsky, 2007). Nessa direção, em sua pesquisa, Macário (2017) também faz menção ao choro como uma forma de expressão dos bebês, capaz de desencadear no outro, sobretudo no seu par de idade, a empatia e a sensibilidade que os leva a gestos de, assim como os adultos, acalantar seus coetâneos.

No processo de interação entre bebês e professoras na Educação Infantil, ficam evidentes a agência e a potência dos bebês, que, por meio do choro, convocam e mobilizam suas professoras. Dessa forma, afirmamos que o choro representa não apenas a fragilidade dos bebês, mas tem um poder de mobilização da ação do outro, neste caso, das professoras, podendo redirecionar suas ações e convocá-las durante a rotina. Nesse sentido, consideramos que o bebê é um sujeito ativo e potente nas relações com o outro, a ponto de afetar não só esse outro, mas a própria rotina institucional. Sobre essas manifestações emocionais dos bebês e as ações das professoras, Schmitt (2014) constatou que

elas estão interligadas, e situadas culturalmente. Não são vistas de forma isolada, na pretensão de descrever quem são os bebês, e as ações daqueles que com eles se relacionam, a partir da descrição fechada das condições biológicas em que se encontram os bebês. Estas marcas do biológico do ser humano são vistas na relação social como aspectos que interferem nestas relações e são interferidos por estas (Schmitt, 2014, p. 76).

A partir dessas afirmações, compreendemos que há uma interdependência entre o choro dos bebês e a docência na Educação Infantil. Embasadas nos estudos supracitados, pudemos constatar essa relação de autonomia e dependência na relação entre o choro dos bebês e a docência na Educação Infantil, uma vez que os bebês, ao interferirem nas ações docentes, exercem um certo poder sobre elas, mesmo que muitas vezes essas manifestações possam ser desconsideradas e invisibilizadas por meio de uma rotina institucional e adultocêntrica.

Durante a pesquisa identificamos situações nas quais esses aspectos se entrelaçaram, destacando como o choro dos bebês demarcou e circunscreveu as ações docentes, e vice-versa, e também o seu próprio protagonismo na construção de significados de si e do outro.

O CHORO DOS BEBÊS NA RELAÇÃO COM SUAS PROFESSORAS

Apresentamos a seguir análise de um episódio que nos ajuda a compreender como o choro dos bebês incide nas ações docentes na Educação Infantil. O episódio nos mostra como o choro pode indicar, orientar, transformar, resistir e até mesmo reconduzir as ações de cuidado e educação das professoras durante as atividades dirigidas e não dirigidas, revelando, em alguma medida, a relação de poder e dependência entre elas e os bebês. O episódio é perpassado pelo choro dos bebês e explicita como eles são capazes de incitarem nas professoras ações mais



sensíveis e qualificadas e práticas pedagógicas inesperadas. Também é possível perceber, como o choro pode modificar o próprio ambiente e até mesmo explicitar os próprios saberes das professoras em relação aos bebês.

O episódio ocorreu por volta das 13:25h, com duração de aproximadamente nove minutos. As professoras Laura e Cremilda⁵ estavam com os bebês na sala, enquanto Milena, a auxiliar, estava fazendo as trocas de fraldas dos bebês. As professoras estavam sentadas no chão e tentavam fazer uma roda com os bebês. Nessa atividade dirigida, Laura segurava a caixa surpresa e conversava com os bebês sobre o que havia na caixa. Ela ia retirando os bichinhos de plástico e cantava uma música que representava cada um deles. Os bebês estavam sentados próximos a ela, mas Danubia estava em pé, próxima à bancada onde estavam as mamadeiras de leite, que já tinham sido servidas, e também onde havia uma caixa com LEGO.

Danubia aponta para a caixa de LEGO e balbucia, olhando para as professoras. Cremilda percebe e lá de onde está fala com Danubia: *Ah, depois, tá, Danubia. Esse é para mais tarde.* Danubia está olhando para ela e, quando a ouve, caminha em direção à Milena, que está em pé anotando as trocas no quadro que fica na parede. Danubia vai até ela, agarra em sua mão e a puxa em direção à bancada. Milena olha para ela e não diz nada. Ela olha para mim e sorri. Milena vai com Danubia. Danubia está segurando em sua mão. Milena diz para Danubia, apontando para a caixa: *É isso aqui que você quer? É, depois, depois a Cremilda vai colocar no chão. Olha lá vai começar, vem cá.* Milena faz gestos com as mãos enquanto fala. Danubia olha fixamente para ela. Milena vai em direção à rodinha e Danubia vai com ela (Transcrição de vídeo-gravação realizada em 27/10/2017).

No excerto acima, a bebê Danubia comunicou às professoras e à auxiliar o seu desejo de brincar com as peças de LEGO. Mesmo as professoras tendo percebido o desejo, não necessariamente atenderam à bebê, que, ao perceber as ações das professoras de continuar a cantar e a conversar com os outros bebês na rodinha, aproximou-se da auxiliar e segurou em sua mão balbuciando como se estivesse convocando a mesma. A auxiliar atendeu à bebê e foi com ela até a bancada onde estava a caixa com as peças. A ação da auxiliar foi de acolher as formas de expressão da bebê, aproximando-se para conversar e explicando que aquele não era o momento de brincar com as peças. Essas formas de agir da auxiliar são condizentes com os estudos da área que preconizam a importância do acolhimento de todas as formas de expressão dos bebês e de, por meio delas, instituir um diálogo profícuo e respeitoso com eles (Barbosa, 2010; Luz, 2010).

As atitudes da auxiliar nesse momento condizem com a figura ideal de um adulto que assume na relação com os bebês o papel de investigador e observador, acolhedor e intérprete das manifestações infantis. Atitudes como essa contribuem para que os bebês possam aprender a controlar as suas próprias emoções, a desenvolver a autonomia e a elaborar seus próprios significados sobre determinadas interações (Appel; David, 2021; Ramos, 2011).

Todavia, perguntamos: por que aquele não era o momento adequado para brincar com as peças de LEGO? Como se pode observar no episódio, os bebês não estavam interessados pela mesma atividade e pelos mesmos objetos, e no momento da atividade não tinham outros brinquedos e objetos disponíveis para os bebês nos cantos da sala, o que os impede de ter outras possibilidades de exploração, brincadeiras e interações. Para Appel e David (2021), é importante que as professoras se atentem para esse fato e introduzam diversos materiais, de acordo com o pedido desses bebês, que, na maioria das vezes, é demonstrado por meio do choro.

⁵ Por questões éticas, os nomes das professoras, da auxiliar e dos bebês são fictícios.



Na continuação da descrição do episódio, podemos verificar que a bebê Danubia não desistiu e se aproximou da roda onde estava a professora Cremilda. Ela olhou para a professora e, balbuciando, tentou pegar em sua mão, puxando forte. A professora continuou sentada e conversando com a auxiliar. Percebemos que, inicialmente, ela não deu atenção para Danubia.

Danubia está puxando a mão de Cremilda e ela então diz para ela: *Está acabando os amiguinhos aqui, Danubia*. Milena se senta próxima a Cremilda, e Danubia, então, como não consegue que ela se levante, se joga no chão e começa a resmungar. Ela está com a cabeça próxima ao colo de Milena. Ela toca na barriga de Danubia como se estivesse fazendo cócegas nela, e em seguida se levanta para pegar Isadora, que saiu da rodinha. Danubia fica ali no chão, chorando. As professoras continuam cantando com os outros, mas nem todos estão sentados. Milena volta com Isadora e senta no mesmo lugar onde estava. Danubia se levanta e vai novamente até Cremilda. Agora Danubia vai tentar pegar um pote de plástico que está com Mirela. A professora está com Mirela no colo. Danubia puxa o pote da mão de Mirela e Cremilda diz que não pode. Danubia chora e insiste. Cremilda pega da mão de Mirela e despidadamente esconde o pote atrás de si mesma. Danubia, então, pega na mão de Cremilda e puxa forte para que se levante. Ela continua cantando como se nada estivesse acontecendo. Danubia puxa forte e Cremilda olha para ela e diz: *Deixa eu te falar uma coisa, Danubia*. Danubia puxa forte e Cremilda solta a mão dela. Danubia se joga no chão e chora. Em seguida, ela se levanta e vai até Cremilda. Ela tenta pegar Danubia no colo e fazer com que ela se sente, mas Danubia não se senta e continua chorando (Transcrição de vídeo-gravação realizada em 27/10/2017).

Verificamos a persistência de Danubia ao insistir em comunicar às professoras o que desejava – brincar com as peças de LEGO –, pois, além da aproximação da professora e do choro insistente, a bebê se envolveu numa disputa com outra bebê, no sentido de manifestar e reivindicar algo que não estava lhe agradando. Dessa forma, ela tenta comunicar à professora o que desejava também por meio de seus gestos. Como afirma Wallon (2007), a criança permanece meses e anos sem satisfazer nenhum de seus desejos se não for com a ajuda do outro. Portanto, seu único instrumento será o que a põe em relação com os que a rodeiam, isto é, as suas reações que suscitam no outro, condutas proveitosas para ela (Wallon, 2007, p. 41).

A bebê afetou a professora com seu choro, e a professora Cremilda atendeu à convocação de Danubia, demonstrando disponibilidade e sensibilidade, uma vez que olhou para ela e conversou tentando explicar que aquele não era o momento de brincar com as peças de LEGO, mas sim de participar da outra atividade que envolvia a caixa surpresa. Diante do choro de insatisfação de Danubia, as professoras não se aproximaram dela e, depois de um tempo curto, ela parou de chorar.

Para Ferreira (2020, p. 163),

o processo de regulação entre os indivíduos não depende de uma reciprocidade explícita; o que também é discutido pela rede de significações (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2004). Isso destaca que o desenvolvimento humano é constituído pelas rupturas e ausência de sincronicidade (como quando o bebê chama ou solicita e não é respondido pelo outro).

Assim, compreendemos que a atitude da professora Cremilda não foi desrespeitosa com a bebê, uma vez que, mesmo não atendendo ao seu desejo, modificou, em alguma medida, as suas ações, continuou a observá-la, conversou com ela e a acalentou, ao mesmo tempo em que



continuava na rodinha com atenção aos outros bebês. De todo modo, destacamos que a atividade desenvolvida não se mostrou capaz de enriquecer as interações, anseios e desejos dos bebês nesse ambiente, pois não haviam outras possibilidades de ações/objetos/brinquedos para eles naquele momento. Essa situação novamente indica uma adesão rígida a uma rotina planejada, dificultando a possibilidade de ampliar e acolher as iniciativas dos bebês. Ostetto (2012) traz questões que podem auxiliar a evitar essa mecanização da rotina:

como captar o movimento? O trabalho é dinâmico, mas o planejamento é formal e isso não dá! Como delimitar pontos para trabalhar num vasto universo de possibilidades? O que priorizar? Como colocar no planejamento do dia a dia o lúdico, o prazer, sem aquele “ranço” escolar? (Ostetto, 2012, p. 176).

Consideramos, assim, que ainda estamos muito distantes da efetivação de práticas pedagógicas que de fato se comprometam com o interesse e a capacidade dos bebês em aprender a partir de seus próprios interesses e descobertas. “No início da vida os bebês ficam bastante condicionados as relações permitidas pelos adultos, que dispõem a eles espaços, tempos, companhias e objetos que permitam a sua ação” (Coutinho, 2010, p. 176) e, dependendo de como isso é feito, essas relações podem limitar as ações do bebê e dificultar seu processo de desenvolvimento.

Cremilda conversa com a bebê sobre o que estão fazendo na roda. Danubia para de chorar e se senta no colo de Cremilda e permanece interagindo com as professoras e com os brinquedos por volta de 5 minutos sem chorar (Transcrição de video-gravação realizada em 27/10/2017).

Ao final do episódio, é possível verificar que a bebê parou de chorar e se envolveu com as ações da professora Cremilda e dos outros bebês, bem como com os outros objetos que compunham aquela atividade. A situação indica a importância de considerar os saberes das professoras sobre o grupo de bebês e sobre cada um deles em particular, o que as ajuda na decisão de não atender ao choro dos bebês imediatamente, embora seja imprescindível nas práticas pedagógicas compreendê-lo como uma linguagem que demanda mediação, expressa uma convocação do outro, e não tentar controlar essa manifestação emocional ou ser indiferente a ela (Santos, 2012).

Pode-se ainda perceber o quanto é relevante ter um ambiente acolhedor e desafiante, onde haja um olhar aguçado e observador das necessidades dos bebês. Nessa direção, torna-se bastante pertinente refletir sobre o que esse *meio* está oferecendo (Rossetti-Ferreira; Amorim; Oliveira, 2009; Wallon, 2007). Estamos de acordo com os estudos que preconizam a necessidade de momentos mais livres para os bebês, que não estejam dentro de uma estrutura fixa e sistemática da rotina institucional, mas que se constitua como um tempo livre de escolhas, de descobertas, de movimentos e de iniciação própria de suas experiências com os adultos e seus coetâneos (Barbosa, 2010; Gonzalez-Mena, 2014; Luz, 2010; Tardos, 2022).

Ressaltamos, assim, que para que os bebês possam compreender suas próprias ações e reações, pressupõe-se que as professoras tenham o entendimento de como agir e reagir diante de situações como essas, procurando tornar as experiências e as práticas pedagógicas mais suaves e significativas para eles. Assim, concordamos com Schmitt (2014, p. 258) quando afirma que:

a ação docente com crianças exige das professoras o reconhecimento de que a vulnerabilidade das crianças pequenas é concomitante à sua capacidade de agir e



participar dos processos de socialização e educação. Sua ação está atrelada à organização intencional e sistemática de diversas ações e relações, que vão desde os cuidados com higiene, alimentação e bem-estar da criança, passando por práticas que permitam experiências de diferentes naturezas: estéticas, lúdicas, expressivas, corporais, etc.

Com suas formas sutis de comunicação, como o choro, os bebês contagiam o outro. Sobre esse caráter contagioso das emoções e das ações que as compõem, “os efeitos sonoros e visuais que delas resultam são para o outro, estimulações do extremo interesse, que têm o poder de mobilizar reações semelhantes, complementares ou recíprocas, ou seja, relacionadas com a situação da qual são efeito e indício” (Wallon, 2007, p. 122).

O episódio nos mostra as múltiplas possibilidades de encontros entre os bebês e suas professoras e como suas ações se entrelaçam. Enquanto adultos disponíveis para estar com eles, compartilhando significados e experiências, elas se constituem como docentes ao mesmo tempo em que contribuem para a construção da constituição e subjetividade dos bebês. É por meio de ações como essas que se constitui a docência com bebês, para ser professora de bebês é necessário se baixar, andar de gatinhos com os bebês, cantar com e para eles, pular, pegar no colo, inventar e reinventar, observar o que eles desejam, decifrar seus choros, suas mordidas, perguntar e esperar que eles se manifestem em sua inteireza, no inesperado (Fochi, 2021).

Nessa perspectiva, o choro dos bebês, mais especificamente de Danubia nesse episódio, se mostrou como uma ação que incitou no outro, diversas ações, desencadeando interações e possibilitando ressignificar a docência com bebês numa complexa trama relacional. Trama que, de um lado, envolve a capacidade do bebê de, ao seu modo, comunicar ao outro o que lhe agrada e o que lhe desagrade e o que ele necessita enquanto um sujeito de direitos a uma Educação Infantil de qualidade; e, de outro lado, envolve a tarefa e a sensibilidade das professoras, que, no exercício de uma docência ainda difusa, se colocam como aprendizes e pesquisadoras das especificidades que envolvem ser professora de bebês.

As manifestações afetivas e corporais de Danubia foram respondidas pelas professoras com sensibilidade, pois o choro foi acolhido e respondido com diálogo e aproximação das professoras. No entanto, é importante chamar a atenção para o fato de que o choro dos bebês não nos indicou algo somente sobre os modos de ação das professoras e da auxiliar, mas também nos disse algo sobre a própria organização dos tempos, dos espaços e dos materiais para o grupo de bebês, que é também planejado pelas professoras. Para Alessi e Garanhani (2019, p. 42), o choro é “o exemplo mais claro da presença, da entonação do cotidiano dos bebês: choro de fome, sono, frio, fralda suja, cansaço, enfim, várias sensações são expressas pelo choro com diferentes entonações”.

De modo geral, as análises das filmagens indicaram que há uma interdependência entre o choro dos bebês e a docência na Educação Infantil, onde o choro exprime, de forma concomitante, uma relação de poder, autonomia e dependência. Para sustentar essa afirmação, reiteramos que o choro exprime uma necessidade do bebê que depende do outro para se constituir como pessoa e atuar sobre o mundo, mas que também exerce um poder sobre o outro, nesse caso, suas professoras. O choro dos bebês, ao mobilizá-las e ao incitar nelas ações e respostas, pode redirecionar suas práticas e contornar suas ações e ainda possibilitar reflexões sobre a docência que exercem.

A potência do choro possibilita reforçar a compreensão da relevância da afetividade no processo de desenvolvimento humano, como destacado por Wallon (1995). Assim, consideramos que o choro, ao mesmo tempo que demonstra a dependência e a fragilidade dos bebês, é um elemento que exerce poder sobre os adultos, sobre as professoras com os quais interagem.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos analisar como o choro dos bebês interfere nas ações docentes na Educação Infantil. Para tanto, buscamos fazer um diálogo articulado entre os campos teóricos da Educação Infantil, da Pedagogia da infância bem como com os da Psicologia Histórico Cultural e da Sociologia da infância. As análises nos permitiram compreender como o choro dos bebês esteve atrelado às relações estabelecidas nesse contexto, sobretudo às ações docentes. Por meio da análise das filmagens, foi possível realizar as interpretações feitas neste texto.

Constatamos que há uma interdependência entre o choro dos bebês e a docência, perpassada por uma relação de autonomia e dependência. O choro, como uma ação, exprime uma necessidade e uma fragilidade dos bebês e, ao mesmo tempo, é uma convocação do outro, mobilizando suas professoras e incitando nelas ações e práticas inesperadas durante a rotina. Dessa forma, constatamos também que o choro dos bebês é legítimo e se constitui como um elemento potente que pode interferir nas interações, proporcionando encontros, desencontros e a construção de significados nas relações educativo-pedagógicas na Educação Infantil, além de possibilitar reflexões sobre a construção de uma docência com bebês que priorize suas especificidades e suas formas de comunicação, respeitando, assim, os seus direitos fundamentais.

Reiteramos o nosso compromisso ético, social e político, enquanto pesquisadoras do campo da Educação Infantil, de fazer com que premissas como “disponibilidade para se vincular com o bebê; compreensão do valor central da brincadeira no desenvolvimento da criança; competência para oferecer um ambiente de confiança; apresentação do mundo e de novas relações na medida em que seja confortável para o bebê” (Fochi; Stock, 2022, p. 151), sejam de fato incorporadas por esses adultos que cuidam e educam bebês e crianças, tanto nas instituições de Educação Infantil quanto em outros contextos coletivos.

Esperamos contribuir para que novas relações sejam estabelecidas nesses contextos e para o reconhecimento dos direitos e do lugar social que os bebês ocupam na sociedade. Com os achados, almejamos contribuir, também, com as reflexões sobre as especificidades que envolvem a docência exercida com bebês. Ressaltamos, por fim, a necessidade de políticas públicas de formação continuada que abarquem o trabalho de cuidar e educar de forma indissociável na Educação Infantil, principalmente no trabalho com os bebês, considerando suas especificidades no início da vida e pautando nas relações que estabelecem com os outros.

REFERÊNCIAS

- ALESSI, Viviane M; GARANHANI, Marynelma C. *Bakhtin, Wallon e as linguagens dos bebês*. Curitiba: Editora UFPR, 2019.
- AMORIM, Kátia de S; ANJOS, Adriana M. dos; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Processos interativos de bebês em creche. *Psicol. Reflex. Crit.*, v. 25, n. 2, p. 378-389, 2012.
- APPELL, Geneviève; DAVID, Myriam. *Maternagem insólita*. São Paulo: Ominisciência, 2021.
- BARBOSA, Maria Carmem. Especificidades da ação pedagógica com os bebês. In: SEMINÁRIO NACIONAL CURRÍCULO EM MOVIMENTO: PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: [s.n.], nov. 2010. p. 1-17.



BELO HORIZONTE. Lei nº 11.132, de 18 de setembro de 2018. Estabelece a autonomia das Unidades Municipais de Educação Infantil – UMEIs, transformando-as em Escolas Municipais de Educação Infantil – EMEIs, cria o cargo comissionado de Diretor de EMEI, as funções públicas comissionadas de Vice-Diretor de EMEI e de Coordenador Pedagógico Geral, o cargo comissionado de Secretário Escolar, os cargos públicos de Bibliotecário Escolar e de Assistente Administrativo Educacional e dá outras providências. *Diário Oficial do Município*, Belo Horizonte, 19 set. 2018.

BELO HORIZONTE. Ofício SMED-GCPF-GECEDI 277, de 13 de março de 2015. Dispõe sobre a reorganização dos quadros da Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de BH. Gerência de Coordenação da Educação Infantil, Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 2015.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. Portaria SMED nº 275/2015. Dispõe sobre critérios para a organização do Quadro de Professores na Educação Infantil da Rede Municipal de Educação-RME de Belo Horizonte e dá outras providências. *Diário Oficial do Município*, Belo Horizonte, 26 ago. 2015.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. Resolução CME/BH nº 001/2015. Fixa as normas para o funcionamento das instituições de Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Belo Horizonte. *Diário Oficial do Município*, Belo Horizonte, 5 mar. 2015.

BRASIL. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990 [Estatuto da Criança e do Adolescente]. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 13 jul. 1990.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 [Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional]. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, 20 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: SEB; CNE, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília; MEC; SEB, 2010.

CABRAL, Viviane V. *O corpo dos bebês na constituição da especificidade da docência na Educação Infantil*. 2019. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CAMPOS, Maria M. Educar e cuidar: questões sobre o perfil do profissional de Educação Infantil. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil*. Brasília: MEC; SEF; COED, 1994. p. 32-42.

CERISARA, Ana B. Educar e cuidar: por onde anda a Educação Infantil. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 17, n. especial, p. 11-21, jul./dez. 1999.



COUTINHO, Ângela M. S. *A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche*. 2010. 312 f. Tese (Doutorado em Estudo da Criança) – Universidade do Minho, Braga, 2010.

FERREIRA, Ludmilla D. P. de M. *Expressões emocionais de bebês e práticas de cuidado e educação em diferentes contextos de desenvolvimento*. 2020. 177 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2020.

FOCHI, Paulo S. A curiosidade, a intenção e a mão: o ethos lúdico do bebê. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 8, n. 68, p. 111-118, dez. 2021.

FOCHI, Paulo S.; STOCK, Bianca S. Contribuições de Elinor Goldschmied e Donald Winnicott para os cuidados e a educação de bebês. In: MARIN, Isabel K. et al. (org.). *Quem é o bebê hoje? A construção do humano na contemporaneidade*. São Paulo: Blucher, 2022. p. 137-153.

GONÇALVES, Fernanda; BUSS-SIMÃO, Márcia; DEBUS, Eliane S. D. Das pedrinhas do nosso quintal: ética e sensibilidade metodológica na pesquisa com bebês. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 7, n. 28, p. 201-217, fev. 2021.

GONZALEZ-MENA, Janet; EYER, Dianne. W. (org.). *O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche: um currículo de educação e cuidados baseado em relações qualificadas*. 9. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

GOUVÊA, Maria Cristina S. de; SARMENTO, Manuel, J. Estudos da infância: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008.

GUIMARÃES, Daniela de O. *Relações entre crianças e adultos no berçário de uma creche: o cuidado como ética*. São Paulo: Cortez, 2011.

GUIMARÃES, Daniela; ARENARI, Rachel. Na creche, cuidados corporais, afetividade e dialogia. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 34, 2018.

HOYUELOS, Alfredo; RIERA, María. *Complexidade e relações na Educação Infantil*. Tradução de Bruna Heringer de Souza Villar. São Paulo: Phorte, 2019.

LUZ, Iza Rodrigues da. Relações entre crianças e adultos na Educação Infantil. In: I SEMINÁRIO NACIONAL CURRÍCULO EM MOVIMENTO: PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: [s.n.], nov. 2010. p. 1-19.

MACÁRIO, Alice de P. *A potência das interações dos bebês em uma creche pública do município de Juiz de Fora*. 2017. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

MACHADO, Maria Lúcia. Educação Infantil e Currículo: a especificidade do projeto educacional pedagógico para as creches e pré-escolas. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 16., 1993, Caxambu. Mimeo.

MARQUES, Fernanda Pedrosa Coutinho. *As expressões de choro dos bebês em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte*. 2019. 192 f. Dissertação (Mestrado em



Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

MARQUES, Fernanda Pedrosa Coutinho. Entrelaçamentos: o choro dos bebês e a docência na Educação Infantil. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

MARQUES, Fernanda Pedrosa Coutinho; LUZ, Iza Rodrigues da. O choro dos bebês e a docência na creche. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 38, 2022.

MINAS GERAIS ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇOS – MGS. *Normativo de Empregos e Salários da MGS – Minas Gerais Administração e Serviços S.A.*: REG/GEP/006. 2020. Disponível em: <http://main.mgs.srv.br/arquivos/REG-GEP-006.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MOLLO-BOUVIER, Suzanne. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. *Educ. Soc.*, v. 26, n. 91, p. 391-403, 2005.

OSTETTO, Luciana E. Planejamento na Educação Infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana E. (org.). *Encontros e encantamentos na Educação Infantil: partilhando experiências de estágios*. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 175-200.

RAMOS, Tacyana K. G. Possibilidades de organização de práticas educativas na creche em parceria com os bebês: o que “dizem” as crianças? In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 34., 2011, Natal. *Anais...* Natal: [s.n.], 2011.

ROCHA, Eloisa A. C. *A pesquisa em Educação Infantil no Brasil: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia*. 1999. 290 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 1999.

RODRIGUES, Thamisa S. de A. *Bebês e professora em ações interativas de cuidado/educação na educação infantil: o banho e a alimentação em foco*. 2019. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde *et al.* (org.). *A Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Ribeirão Preto: CINEDI, 2017.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Katia de S; OLIVEIRA, Zilma de M. R. de. Olhando a criança e seus outros: uma trajetória de pesquisa em educação infantil. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 437-464, set. 2009.

SANTOS, Núbia A. S. *Sentidos e significados sobre o choro das crianças nas creches públicas do município de Juiz de Fora/MG*. 2012. 226 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.



SARMENTO, Manuel J. Gerações e alterações: interrogações a partir da Sociologia da Infância. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, ago. 2005.

SCHMITT, Rosinete. V. *As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: contornos da ação docente*. 2014. 282 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SILVA, Isabel R. da. *As dinâmicas corporais na docência com bebês*. 2018. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2018.

SILVA, Katia C. F. e. *As concepções de professoras e de auxiliares sobre a atuação docente promotora de práticas educativas de boa qualidade com bebês*. 2019. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 112, p. 7-31, mar. 2001.

TARDOS, Anna. Atividades dirigidas. In: FALK, Judit (org.). *Abordagem Pikler: Educação Infantil*. 3. ed. São Paulo: Omnisciência, 2022. p. 78-87.

TRISTÃO, Fernanda C. D. *Ser professora de bebês: uma profissão marcada pela sutileza*. 2004. 213 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. *As origens do caráter na criança*. Tradução de Heloysa Dantas de Souza Pinto. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

